

SEQUÊNCIAS TEXTUAIS E SUA ESTRUTURA MACROPROPOSICIONAL EM CORPORA PRÉ-SELECIONADOS

Guilherme Delgado Oliveira¹

Resumo: Com este artigo, pretende-se diferenciar, inicialmente, gênero de tipos textuais. Seguidamente, a partir de *corpora*, formados por excertos de textos, fez-se a análise empírica das estruturas macroproposicionais das sequências descritiva, argumentativa, explicativa, narrativa e dialogal nos materiais empíricos selecionados e citados. Tomando, como ponto de partida, os estudos de Adam (2011), delineamos a estrutura macroproposicional da sequência descritiva do excerto do conto “Saga” (1989) que, embora incompleta, contém as principais macroproposições (da pré-tematização da palavra cidade, à sua listagem e à expansão), resultando numa estrutura hierarquizada, uma característica dessa sequência (ADAM, 2011). Seguiu-se à análise de um excerto do discurso argumentativo de Saramago (1998) cuja estrutura macroproposicional é formada essencialmente por três macroproposições (P.arg.1+P.arg.2+Parg.3) do tipo explicativo (ADAM, 2011). Posteriormente, analisou-se o texto “Nascidas para voar” (GOMES, 2008) originando a estrutura macroproposicional (Pe1+Pe2+Pe2+Pe3) da sequência explicativa, baseada na exposição de um tema cuja Pe1 foi inferida. Finalmente, estudou-se o conto “Os dois amigos” (MULLER, 1985), constituído por três sequências narrativas

[Seq.1+Seq.2+Seq.3...] nas quais se inserem a sequência dialogal, sob forma de pergunta, resposta e avaliação, e a sequência descritiva a nível do segmento infraproposicional. Com este estudo, conclui-se, por um lado, que essas sequências, constructos de caráter autónomo, homogéneo e abstrato, permitem-nos compreender as estruturas linguística e semântica dos textos e, por outro lado, combinam-se emergindo, entretanto, uma em detrimento de outra. Revelou-se que as estruturas macroproposicionais dessas sequências, em falta, podem ser inferidas, não comprometendo, por isso, a coerência e a compreensão do todo textual.

Palavras-chave: Tipologia textual; Gênero textual; Protótipo textual; Sequência textual; Estrutura macroproposicional.

Introdução

Este trabalho discorre sobre as sequências textuais e as suas estruturas macroproposicionais. Primeiramente, fez-se uma breve caracterização dos tipos

¹ Licenciado em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses pela Universidade do Mindelo. Mestre em Estudos Portugueses – Investigação e Ensino pela Universidade Aberta, Portugal. Doutor em Estudos Portugueses – Especialidade em Linguística Portuguesa pela Universidade Aberta, Portugal. Professor da EICM – Mindelo e colaborador da Universidade de Cabo Verde – FCSHA em várias áreas de Linguística e Literatura. E-mail: guilherme.oliveira@docente.unicv.edu.cv

textuais, contrapondo-os aos gêneros, tendo como ponto de partida os teorizadores Werlich (1955), Petitjean (1989), Marcuschi (2002), Adam (2011) e Silva (2012). Em seguida, efetuamos uma reflexão acerca de três das cinco sequências – descritiva, argumentativa, explicativa –, tendo como base Adam (2011). Demonstramos, na prática, a partir de excertos, as suas estruturas macroproposicionais. Num terceiro momento, através do conto tradicional “Os dois amigos”, empreendemos uma análise teórico-prática acerca das sequências textuais que o enformam – a narrativa e a dialogal. Desse modo, pudemos conciliar e refletir sobre todos esses cinco protótipos que se configuraram como modelos de caráter autônomo, dotados de uma organização interna própria aos níveis formal e semântico, importantes para a compreensão do objeto da Linguística Textual.

Este estudo é o resultado de uma pesquisa efetuada na unidade curricular Linguística Textual: Aspectos de Sintaxe, Semântica e Pragmática do Português, no âmbito do Doutorado em Estudos Portugueses – Especialidade em Linguística Portuguesa pela Universidade Aberta.

1 Fundamentação teórica

Usam-se indiscriminadamente os conceitos de tipos de textos e gêneros textuais. Basta lermos, por exemplo, o enunciado de uma prova de português, para nos apercebermos da dimensão do problema. Quando se quer pedir, por exemplo, o enquadramento de um determinado material empírico no gênero a que pertence, em vez de se dizer “insere o texto no gênero adequado”, solicita-se, muitas vezes, “para identificar o tipo de texto”.

Na Linguística Textual, tipo e gênero textuais não se confundem. Contrariamente aos gêneros, que se caracterizam pela utilização de vários critérios na sua definição (ADAM, 2011), dada a sua complexidade e heterogeneidade, categorizando-se como classes abertas, os tipos recorrem a um único critério (PETITJEAN, 1989), configurando-se, assim, numa classe fechada. Para além disso, encontram-se, ambos, situados no interior do material empírico, pois são propriedades internas do próprio texto, como veremos mais adiante com a classificação de Adam (2011), não no sentido de tipologias textuais, mas de sequências.

Marcuschi (2002, p. 4), no artigo “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”, apresenta-nos os principais traços que definem os tipos de textos:

- i) constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas;
- ii) constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos;
- iii) sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspetos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;
- iv) são designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.

Com estes traços enformadores dos tipos de texto, constatamos que eles se apresentam em número reduzido, sob forma de constructos e decorrem de um esforço de classificação.

Os gêneros textuais, por sua vez, não são resultados de qualquer tipologização, mas, sim, veiculam as classes de texto que circundam na sociedade.

Silva (2012) é também outro investigador que se tem dedicado ao estudo dessa área do saber. Ao discorrer sobre os tipos de texto, o referido autor apresenta duas propostas (SILVA, 2012, p. 115-117). A primeira baseada em Werlich (1975), que se insere na tradição da retórica clássica. A segunda correspondente a uma das três modalidades explicitadas no *Dicionário de Termos Linguísticos* (2008).

A proposta de Werlich (1975) fundamenta-se no modo de organização cognitiva dos conteúdos e nos processos psicológicos envolvidos. O investigador agrupa-os em cinco categorias (i) narrativos – centram-se nos processos cognitivos de percepção dos acontecimentos no tempo, envolvendo eventos protagonizados por um ou mais entidades; (ii) descritivos – incluem-se nos processos cognitivos de percepção das entidades no espaço, que estão associados, por exemplo, com o retrato físico de uma pessoa; (iii) argumentativos – decorrem dos processos cognitivos de avaliação e tomada de posição do locutor; (iv) expositivos – centralizam-se nos processos cognitivos de análise e síntese de representação concetuais; (v) instruccionais – relacionam-se com a antevisão de comportamentos futuros.

Na segunda proposta, além dos cinco tipos de Werlich (1975), acrescentam-se mais três: os conversacionais, preditivos e literários. Porém, Silva (2012, p. 117-118) a partir de Adam (2011), através de pertinentes reflexões, demonstra que entre os textos preditivos e os instruccionais há semelhanças, por se referirem a eventualidades que se dão num intervalo de tempo indeterminado, mas necessariamente posterior àquele em que os textos são produzidos e que se dirigem a um público-alvo potencial. Os referidos autores assinalam, também, as características linguísticas que aproximam estas tipologias textuais (preditivos e instruccionais), sendo, por isso, e segundo a classificação de Adam (1987), inseridas numa única tipologia, a injuntivo-instruccionais.

Do mesmo modo, Silva (2012, p. 119-120) esclarece que os literários não podem ser considerados uma tipologia textual. O critério de natureza socioprofissional adotado para a sua classificação centra-se nos tipos discursivos e não no modo de organização cognitiva dos seus conteúdos e processos psicológicos envolvidos, como defendido anteriormente por Werlich (1975). Por outro lado, os textos literários contrariam os princípios de monotipia e homogeneidade já que podemos encontrar, a título de exemplo, num conto literário, os tipos descritivo, narrativo, dialogal, etc.

Um outro aspecto a ser salientado diz respeito à heterogeneidade textual. Silva (2012, p. 119), argumenta que dificilmente um texto narrativo é exclusivamente narrativo pelo que, em menor grau, se ressaltam seqüências de outros tipos, como a dialogal, a descritiva, entre outras. O mesmo se aplica aos outros tipos de

sequências. É importante pontuar que tipos de textos e tipos de sequências textuais são duas classificações distintas, porque incidem em unidades diferenciadas: textos completos e segmentos de textos, respectivamente, embora aparentadas a nível do critério (cognitivo) em que assentam (com exceção da sequência dialogal num critério enunciativo).

É precisamente por causa dessa heterogeneidade composicional da totalidade textual que Adam (2011) propôs, metodologicamente, uma tipologia sobre unidades homogêneas e menores, seja em extensão, seja em complexidade composicional. Tais unidades designam-se por sequências textuais.

Uma sequência concetualiza-se enquanto:

[...] uma unidade textual relativamente autônoma e dotada de uma organização interna própria, tanto de ordem semântica como formal, hierarquicamente situada entre o nível inferior dos períodos e o nível superior e englobante do texto. Essas unidades de textualização podem ser narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas e dialogais (DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO, 2008, p. 123).²

Essa noção, adotada por Adam (2011), expõe ideias importantes para compreendermos o conceito de sequências. O autor, ao elegê-las, evita, assim, as noções de heterogeneidade e complexidade que os tipos textuais poderiam encerrar.

Tal metodologia assumida deixa sobressair, na perspectiva de Adam (2011 *apud* SILVA, 2012, p. 125) sequência enquanto a noção de unidade com autonomia, de estrutura hierarquizada, decomponível em macroproposições ligadas entre si e relacionadas com a totalidade do texto.

Apercebemo-nos, de acordo com o exposto, de que os diferentes tipos e modos de articulação das sequências têm granjeado uma atenção efetiva dos teorizadores da Linguística Textual, revelando-se centrais para a compreensão do objeto dessa disciplina, o texto.

Assim, quando examinamos um material empírico, devemos considerar duas perspectivas de análise, uma alusiva aos aspectos formais e de conteúdos – internas ao texto – e outra relacionada às suas configurações externas das quais emergem a situação comunicativa e a intenção, bem como o contexto da produção discursiva. Nesse âmbito, o que nos interessa é a primeira, pois é nela que se espelham as cinco sequências prototípicas de Adam (2011): narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas e dialogais. As quatro primeiras são, na perspectiva do investigador, monogeradas, isto é, produzidas por um único locutor, enquanto a última é poligerada, devido ao fato de envolver, pelo menos, dois interlocutores.

É dessa forma que aparece uma das inovações da teorização de Adam (2011), o critério de natureza enunciativa. A esse adiciona-se o caráter cognitivo, como acima discutido por Silva (2012), a partir de Werlich (1975), para concetualização

2 Disponível em: https://area.dge.mec.pt/gramatica/DT_2008.pdf. Acesso em: 31 out. 2021.

das sequências. Esses protótipos são, contudo, infratextuais,³ embora saibamos que um todo textual possa representar-se por uma única sequência.

Para melhor observarmos a relação texto (totalidade), sequências textuais (fragmentos textuais, com autonomia), macroproposições (subpartes das sequências, dotadas de estrutura própria) e proposições (as diferentes fases das macroproposições), tomemos o esquema sistematizador de Adam (2009, p. 30), pois é bastante elucidativo: “[TEXTO [SEQUÊNCIAS [MACROPROPOSIÇÕES [PROPOSIÇÕES]]]]”.

Uma sequência envolve um conjunto de macroproposições. Os elementos que as enformam podem organizar-se hierarquicamente ou horizontalmente. As macroproposições da sequência descritiva são, a título ilustrativo, um modelo representativo da estrutura vertical, como veremos mais adiante, enquanto as sequências narrativa e explicativa horizontais. Adam (2011, p. 205) refere-se a uma sequência como uma estrutura suportada por **(i)** uma rede relacional hierárquica: uma grandeza analisável em partes ligadas entre si e ligadas ao todo que elas constituem; **(ii)** uma entidade relativa autônoma, dotada de uma organização interna que lhe é própria, e, portanto, em relação de dependência-independência com o conjunto mais amplo do qual faz parte o texto. A seguir, caracterizaremos as cinco sequências mencionadas a partir de um *corpus* textual.

1.1 Sequência descritiva

Para demonstrarmos as características da sequência descritiva e o caráter hierárquico das suas macroproposições, apropriemo-nos de uma passagem do conto “Saga”, em *Histórias da terra e do mar*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, mesmo que incompleta, visto carecer da operação de relacionamento, como postulado por Adam (2011):

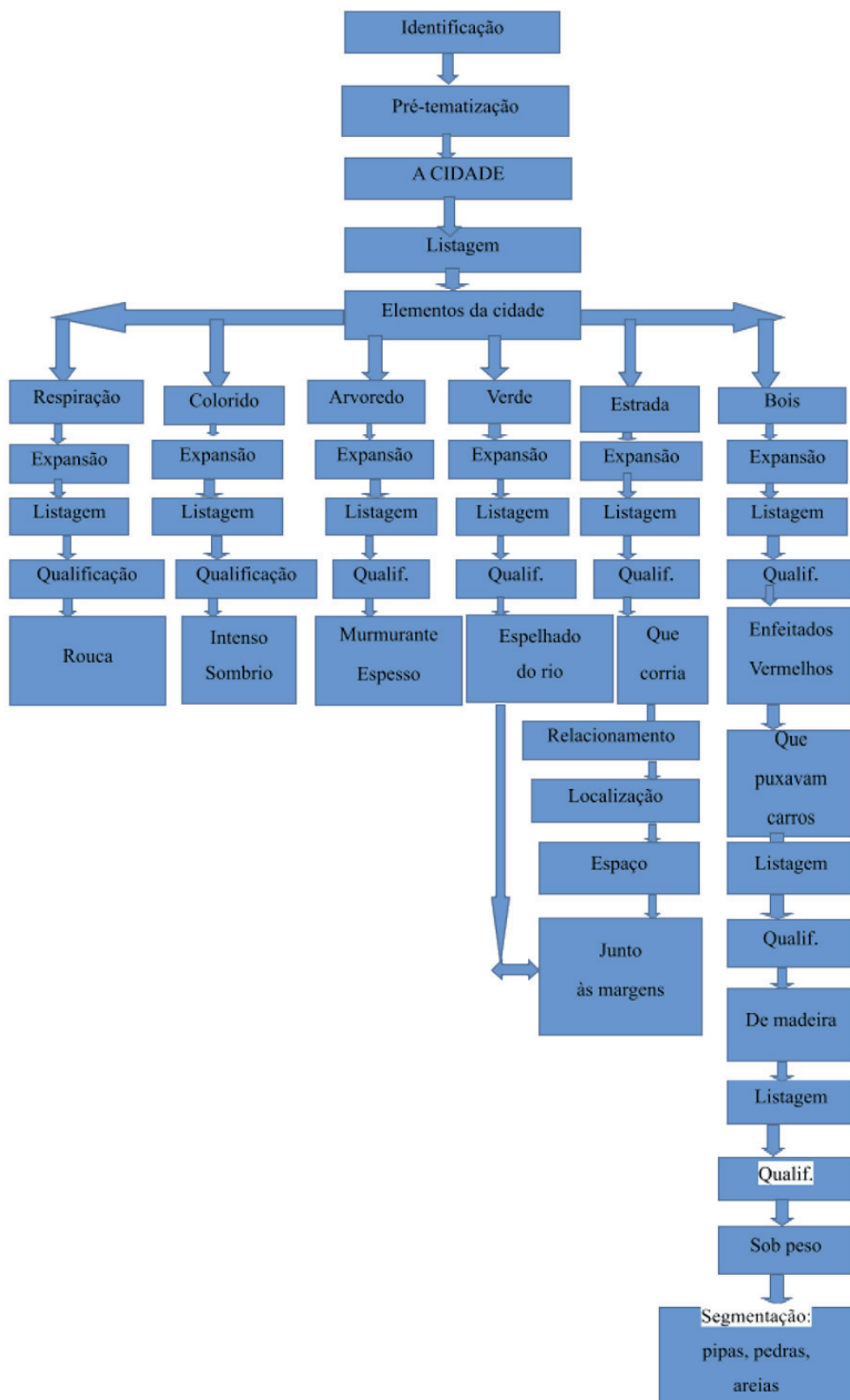
Hans amou desde o primeiro momento a respiração rouca da cidade, o colorido intenso e sombrio, o arvoredo murmurante e espesso, o verde espelhado do rio. Na estrada que corria junto às margens viam-se bois enfeitados e vermelhos, puxando carros de madeira que chiavam sob o peso de pipas, pedras e areias (ANDRESEN, 1989, p. 86).

Na figura⁴ que se segue, apresenta-se a estrutura macroproposicional do excerto descritivo de Sophia de Mello Breyner Andresen.

3 Vide esquema 4 de Adam (2011, p. 61). Na verdade, as sequências textuais fazem parte da estrutura composicional dos textos e representam um dos níveis ou planos de análise textual.

4 A figura é relativa ao Texto 1 (excerto do conto “Saga”, In *Histórias da Terra e do Mar*, 1989, p. 86).

Figura 1: Figura representativa da estrutura macroproposicional do Texto 1.



Fonte: Legenda: qualif.. é abreviatura de qualificação. Elaborada pelo autor (2023).

1.2 Sequência argumentativa

Para fundamentar a estrutura macroproposicional da sequência argumentativa, Adam (2011, p. 233-234), parte dos modelos teorizados por Toulmin (1958) e Moeschler (1985). Em ambas as propostas, ressaltam a ideia de que o movimento entre as premissas e a conclusão constitui a razão de ser de qualquer sequência argumentativa. As únicas inovações introduzidas nesse novo protótipo prendem-se, essencialmente, com a tese anterior (P.arg.0), isto é, uma conclusão inicial que se faz a partir dos primeiros dados fornecidos pelo texto, e o conceito de dialogismo, subjacente a qualquer sequência argumentativa, por se dirigir a um ou mais interlocutor.

Adam (2011, p. 232-237), apresenta-nos três princípios que sistematizam este esquema mental **(i)** uma tese anterior (P.arg.0), como explicitado acima, contra a qual se posiciona a conclusão (P.arg.3), ou seja, a nova tese defendida pelo locutor a qual pode estar subentendida; **(ii)** a macroproposição, que corresponde a dados (P.arg.1), ou melhor, aos argumentos nos quais ancoram a conclusão, que apresentam informações relevantes e dão apoio à ancoragem das inferências (P.arg.2), isto é, os implícitos princípios que sustentam os dados relacionando, por seu turno, parte da informação já contida nos dados de (P.arg.1) com nova informação que irá permitir a chegada à conclusão (P.arg.3.); **(iii)** a (P.arg.3) aponta uma nova tese, contrapondo a anterior, porquanto registra conteúdos diferentes quer dos da P.arg.1 quer os da P.arg.2.

A teorização de Adam (2011, p. 234-235), resulta, por sua vez, em dois níveis: 1) **justificativo** – (P.arg.1+P.arg.2+P.arg.3) – nesse nível, o interlocutor não se considera, e a estratégia argumentativa é dominada pelos conhecimentos colocados; 2) **dialógico ou contra-argumentativo** (P.arg.0+P.arg.4) – nesse nível, a argumentação é negociada com um contra-argumentador (auditório) real ou potencial. A estratégia argumentativa visa uma transformação dos acontecimentos.

Tomemos o excerto do discurso de Saramago⁵ como um exemplo manifesto da sequência argumentativa:

(P.arg.1) Alguém não anda a cumprir o seu dever. **(P.arg.2)** Não andam a cumpri-lo os governos, porque não sabem, porque não podem, ou porque não querem. Ou porque não lho permitem aquelas que efectivamente governam o mundo, as empresas multinacionais e pluricontinentais cujo poder, absolutamente não democrático, reduziu a quase nada o que ainda restava do ideal da democracia. Mas também não estão a cumprir o seu dever os cidadãos que somos. Pensamos que nenhuns direitos humanos poderão subsistir sem a simetria dos deveres que lhes correspondem e que não é de esperar que os governos façam nos próximos 50 anos o que não fizeram nestes que comemoramos. **(P.arg.3)** Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra. Com a mesma veemência com

5 SARAMAGO, José. Discurso pronunciado por José Saramago no dia 10 de dezembro de 1998 no banquete Prêmio Nobel. 1998. Disponível em: <https://www.josesaramago.org/discurso-pronunciado-por-jose-saramago-no-dia-10-de-dezembro-de-1998-no-banquete-premio-nobel/>. Acesso em: ggg

que reivindicamos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa tornar-se um pouco melhor (SARAMAGO, 1998, p. 1 – grifo nosso).

De acordo com a proposta de Adam (2011), uma sequência pode ocorrer num texto sem que todas as macroproposições estejam explicitadas. É o que sucede nesse caso, porquanto não se constata a presença das macroproposições **P.arg.0** (tese anterior, cujo sentido se resume a uma espécie de conclusão inicial decorrente das primeiras informações) e **P.arg. 4** (correspondente aos argumentos que nos remetem a uma conclusão, oposta à expectável, feita sobretudo por regras inferenciais). As P.arg.0 e P.arg. 4 são geralmente negociadas com um contra-argumentador (auditor) real ou potencial (cf. ADAM, 2011, p. 235). Situam-se, por isso, no âmbito do primeiro nível acima descrito, isto é, a estratégia argumentativa é dominada pelos conhecimentos colocados.

No excerto apresentado, apuramos um movimento argumentativo gradual, que nos conduz à **Conclusão (P.arg.3)**. Note-se, logo, no primeiro período, a macroproposição relativa aos **Dados (P.arg.1)**, na qual se destaca a ideia principal, ou seja, a informação relevante: “Alguém não anda a cumprir o seu dever”. Nos seis enunciados seguintes, correspondentes à macroproposição ao **Apoio às inferências**, o locutor expõe as razões pelas quais acha que os governos não andam a cumprir o seu dever (não sabem, não querem, não podem, ou porque outras entidades não os deixam, ou ainda porque os cidadãos não cumprem os seus deveres). A partir de “Tomemos então, nós, cidadão comuns” até “tornar-se um pouco melhor”, delimita-se a Conclusão (P.arg.3). Nessa macroproposição, observamos, como referido por Silva (2002, p. 157), a presença de conteúdos diferentes dos que estão inseridos nas macroproposições (P.arg.1 e P.arg.2), mas motivados pela conjugação de ambas. Assim, concluímos que, devido à inércia de os governos cumprirem os seus deveres, os cidadãos não só necessitam reivindicar o seu direito, mas também cumprir o seu dever, para que o mundo seja cada vez melhor.

1.3 Sequência explicativa

O protótipo explicativo, ainda que, em algumas situações, confundido com o argumentativo, distingue-se desse, de acordo com Hencmns (2001 *apud* SILVA, 2012, p. 162) por causa da força ilocutória, pois “a argumentação tem como objetivo tornar aceitável uma dada tese [...] e a explicação pretende dotar o alocutário de um conhecimento que ele não possui, fazendo-lhe compreender o como e o porquê de uma dada questão”.

Num processo interativo, sempre que um dos interlocutores coloca uma questão sobre a qual urge uma elucidação, estamos perante tal sequência textual. Num curso de doutoramento, por exemplo, uma das sequências textuais mais utilizadas, além da argumentativa, é a explicativa, pois revelamos constantemente a

necessidade de recorrer aos nossos docentes, a quem reconhecemos autoridade, a fim de obtermos uma explicação sobre um determinado assunto em pauta, cujo objetivo é satisfazer uma necessidade cognitiva. Muitas vezes, fazemos o esclarecimento em forma de uma questão, sob apresentação de ilações que desembocam em outras explicações.

Silva (2002, p. 163) aponta algumas das questões que estão na origem de uma sequência explicativa: **(i)** pedidos de definição, de paráfrase, de tradução ou interpretação; **(ii)** pedidos de teorização ou esquematização.

Coltier (1986) e Adam (1992) organizaram a estrutura macroproposicional desse protótipo, destacando três procedimentos: 1) Questionamento (Pe1) – inclui uma questão equivalente a *Porquê?* ou *Como?* ou *Em que consiste?* 2) Resolução (Pe2) – integra um ou vários enunciados equivalentes aos que se iniciam por *Porque*. 3) Conclusão (Pe3) – expressa uma ou mais asserção incontestável. Veja-se, a seguir, o texto, no qual achamos estar espelhado tal protótipo.

Nascidas para voar

(Pe1) Lá diz um ditado que se reconhece uma ave pelas asas; nenhum outro grupo animal tem penas.

(Pe2) As penas são formadas por uma substância córnea (queratina) e a sua arquitectura é uma autêntica maravilha.

(Pe2) Mas voar requer mais do que uma estrutura perfeita das penas. Todo o corpo da ave está concebido para o voo: os ossos são extraordinariamente leves; os pulmões oferecem prestações extraordinárias; as crias desenvolvem-se no ovo, fora da mãe; a cabeça não tem dentes, aliviando sobrecargas na parte anterior.

(Pe3) As circunstâncias do voo explicam, em síntese, muitas características das aves e as peculiaridades do seu modo de vida (GOMES, 2008, p. 51 – grifo nosso).

Torna-se evidente que o texto apresenta a sequência explicativa. Nele, expõe-se reflexivamente um tema. Pretende-se, nesse caso, de uma forma mais objetiva possível, para explicar ao leitor/alocutário como se define a classe prototípica *ave*. Assim, se tomarmos as macroproposições enformadoras dessa sequência explanadas por Adam (2011), diríamos que o questionamento **(Pe1)** não aparece explicitado, podendo ser, contudo, inferido no provérbio (1º parágrafo), parte introdutória do texto, através da questão: *Como reconhecer uma ave?* A macroproposição **(Pe2)** evidencia-se no segundo e terceiro parágrafos, os quais oferecem ao alocutário uma resposta à problemática implícita levantada na **Pe1**. Reflete, assim, sobre a importância das penas e do corpo para distinguirmos o protótipo ave. A **Pe3** manifesta-se, por seu turno, no terceiro parágrafo, sob forma de uma asserção – baseada na ideia da sintonia ave-voo. Trata-se, pois, de um remate do que se propôs na **Pe2**, no qual se apresenta uma das características mais relevantes da categorização ave.

2 A sequência narrativa a partir do conto “Os dois irmãos”

O texto “Os dois irmãos” (MULLER, 1985 *apud* ROCHA *et al.*, 1999, p. 42-43) enquadra-se no gênero conto, pois corresponde a uma narrativa em prosa, que gira em torno de duas personagens, nesse caso, dois amigos, os mancebos. As personagens são em número restrito – os dois amigos, os soldados e o rei leproso não exibem grande complexidade de caráter. O espaço e o tempo configuram-se limitados.

Apresenta marcas da oralidade e do maravilhoso, além de não possuir um autor explícito, pelo que esta versão foi recolhida e fixada na escrita por Adolfo Simões Muller. Note-se ainda a sua dimensão pedagógica, pois nos transmite uma lição de vida.

Em relação às sequências textuais, é evidente a presença de duas, **a narrativa e a dialogal** (a partir de agora Sn e Sdi, respectivamente), embora se assinale pontualmente a **descritiva de forma muito incompleta (Sde)**, sendo essa última e a primeira monogeradas, e a segunda, poligerada, conforme a concepção de Adam (2011).

A Sn é a dominante, dado que abre e encerra o conto. Além de ser a mais extensa, pode também resumi-lo.

A Sdi evidencia-se sempre que se notam as intervenções dos dois mancebos, os protagonistas da narrativa, e as das personagens secundárias, os soldados. Por constituírem o corpo da interação verbal, incluírem os conteúdos que as personagens pretendem comunicar e serem menos ritualizados e previsíveis, de acordo com Silva (2002, p. 172), classificam-se como **intervenções transacionais**.

A sequência descritiva surge pontualmente no interior das Sn, ainda que muito incompleta, quando se apercebe da caracterização da conduta dos mancebos.

Postas essas observações iniciais, passaremos a explicitar, primeiramente, com base na composição textual, as estruturas macroproposicionais das três sequências da narrativa encontradas no texto “Os dois amigos”, para depois prosseguirmos a analisar minuciosamente as dialogais.

Assim, começaremos com a Sn1. O conto principia-se com uma **situação inicial** (Pn1), na qual nos são dados a perceber dois eventos (e1 + e2), que se traduzem em [e1] dois casais de lavradores que tiveram dois filhos no mesmo dia e [e2] entraram para o serviço militar também no mesmo dia. Verifica-se que entre os dois eventos ocorre uma breve descrição do caráter dos amigos, através da adjetivação ‘muito amigos’, ‘mau’ e ‘bom’, o que nos permite falar em segmentos descritivos infraproposicionais muito incompletos. Assim, o primeiro parágrafo explicita o ponto de partida da narrativa. Conhecem-se os protagonistas: os ‘dois amigos’. Por se tratar de um conto tradicional, o espaço e o tempo são indefinidos, ainda que se note alusão às palavras ‘mesmo ano’ e ‘serviço militar’, o que nos possibilita fazer, de forma imprecisa, o enquadramento espaço-temporal da narrativa.

Certifica-se, seguidamente, no segundo parágrafo, **a macroproposição complicação** (Pn2), que altera o equilíbrio da Pn1. O mancebo mau persuade o bom, e ambos desertaram do serviço militar. Essa fuga acarreta, a partir do terceiro

parágrafo até ao nono, um conjunto de outras eventualidades, que se resumem nas **Reações** (Pn3), apresentadas sob forma dos seguintes eventos: o descanso dos dois amigos debaixo de uma árvore; a compartilha do rancho do mancebo bom; [...], o repouso, seguido da fuga longe das estradas; a refeição egoísta do mancebo mau; a proposta e a contraproposta dos mancebos. A **Resolução** (Pn4) traduz o *clímax* da primeira sequência narrativa, efetivado nos seguintes eventos: a extração do olho do amigo bom; a fuga do mau e o desamparo do bom; o trepar da árvore para se esconder das feras e a escuta da conversa dos soldados, determinantes para o desfecho da primeira sequência da narrativa. Desse modo, a macroproposição **Resolução** representa, por um lado, o auge da ação da primeira sequência da narrativa e permite ao leitor retê-lo na memória. Ocasiona, por outro lado, um certo relaxamento, que conduz a um novo equilíbrio. Conclui-se, finalmente, com a **Situação final**, que representa a restituição da visão do mancebo bom, após ter aplicado o sumo das folhas da árvore milagrosa. O enunciado “ficou completamente curado” assinala, concomitantemente, a situação final da primeira sequência da narrativa, acima descrita, e inaugura a segunda, sob a forma da **Situação inicial (Pn1)**. Tal macroproposição responde-nos às questões: quem? (o mancebo bom), quando? (logo que amanheceu), sem nos trazer a resposta à questão: onde? Poderá ser deduzida e respondida através do contexto da primeira sequência narrativa – ‘numa floresta’.

Essa segunda sequência da narrativa apresenta-se **de forma incompleta**, visto que não se pode encontrar uma (Pn2). Não se atesta qualquer motivo dinâmico que gera tensão, embora possamos também inferi-lo, a partir da conversa dos soldados na Sn1 (“— ... os habitantes andam desesperados por falta de água” e “— ... um rei de certo país está cego por virtude da lepra que lhe corrói o corpo”). Verificam-se, entretanto, dois eventos, em forma de Reações (Pn3) – [e1]: ‘colheu mais folhas’ [e2]: ‘guardou-as num lenço’ –, que nos conduzem a uma possível Resolução (Pn4), em que o mancebo bom efetiva, em primeiro lugar, o milagre de repor a nascente e, em segundo, cura a lepra e restitui a visão do rei. Essa macroproposição Pn4 envolve o *clímax* da Sn2. A Pn5 resulta, por sua vez, na recompensa do mancebo, traduzidos nos seguintes enunciados: “Se no primeiro sítio o compensaram com muito dinheiro, no segundo o rei deu-lhe a mão da princesa em casamento”.

Passando à terceira e última sequência narrativa, que se mostra completa, afirmaríamos que a Situação inicial (Pn1) tem o seu início em “Andava o genro do rei” e termina em “um dos batalhões do reino”. Há um novo enquadramento espaço-temporal, que nos é facultado principalmente pela oração subordinada adverbial temporal “quando viu o seu desalmado companheiro alistado em um dos batalhões do reino”, cujos protagonistas, embora sejam os mesmos da Sn1, possuem, agora, estatutos diferentes – o mancebo bom tornou-se príncipe e o mau soldado do reino. Esse “*status*” dissemelhante justifica-se, por um lado, pela dinâmica da narrativa, isto é, pela sua evolução e, por outro, pela moralidade, que está subjacente a esse conto popular. A Complicação (Pn2) é introduzida pelos

eventos “mandou-o ir ao palácio e deu-se a conhecer”. Esses acontecimentos modificam completamente a Pn1. Posteriormente, no parágrafo iniciado em “Nessa mesma noite” até “a árvore milagrosa”, insere-se a macroproposição Reação (Pn3), responsável pelo aparecimento, no parágrafo seguinte, da Resolução (Pn4). Nessa macroproposição, nota-se a aventura do mancebo mau e a fúria dos soldados, que culminam, por sua vez, na Situação final (Pn5), cuja consequência é o impiedoso homicídio do mancebo mau.

Diríamos, em suma, que essas três sequências da narrativa, que compõem o conto, ocorrem dispostas da seguinte forma: [**Seq.1+Seq.2+Seq.3...**]. Classificam-se, de acordo com Adam (2011), como **coordenadas**, pois a sequência narrativa um sucede-se a dois, que antecede, por seu turno, a três.

Outros dois aspectos nos parecem importante realçar. O primeiro refere-se ao desfecho das sequências narrativas. No conto, narra-se um conjunto de eventualidades, cujo produto final converge em direção a três desenlaces completamente diferentes. Os dois primeiros envolvem o mancebo bom, sendo positivos, e o último desenlace, que envolve o mancebo mau, negativo. Tais situações finais resultam na moral veiculada implicitamente pela narrativa: “a amizade entre os dois filhos de casais camponeses amigos não resistiu à maldade e ao egoísmo”. Assim, a **avaliação (PnΩ)** dessa narrativa, embora omissa, parece-nos mais do que evidente. O segundo aspecto concerne aos elementos microtextuais. Nas sequências narrativas, torna-se visível o uso de verbos dinâmicos e no pretérito perfeito, preferencialmente, a título ilustrativo, ‘aproximou-se’, ‘partiu’, ‘saiu’, ‘foi postar-se’. Esses verbos imprimem avanço à narrativa. De fato, essas formas verbais (e de movimento) são uma das características mais significativas desse protótipo.

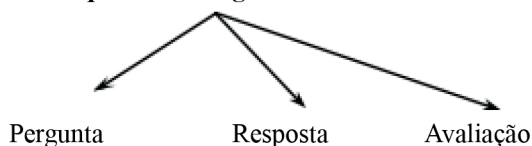
2.1 A sequência dialogal a partir do conto “Os dois amigos”

Examinaremos, nesta subseção, as sequências dialogais. Como se verifica no texto, há **quatro sequências dialogais conversacionais (Sdi)**, que, em algumas situações, se interligam. Tais protótipos evidenciam-se pelo uso do discurso direto, ou seja, o da primeira pessoa, sinalizado, no texto, pela presença de travessões.

Na primeira sequência narrativa, insere-se uma **dialogal**, cujos interlocutores são os mancebos. As intervenções mostram-se sob a forma de um par adjacente. O mancebo bom interpela o mau. Esse, por sua vez, responde-lhe. O bom apresenta uma constatação que contraria a atitude do mau, em forma de avaliação: “— Mas eu dividi o meu rancho contigo”. O mau retorque-lhe com uma contraproposta: “— E eu dou-te um bocado de pão se me deixares tirar-te um olho com a ponta da minha navalha”.

Essa primeira sequência dialogal poderá esquematizar-se de acordo com Silva (2012, p. 178), como representado:

Sequência dialogal conversacional 1



Afigura-se num par adjacente e comprova a ausência da intervenção fática, tratando-se, desse modo, de uma sequência incompleta, que continua a desenvolver-se ao longo da narrativa.

Ainda, na primeira sequência narrativa, encaixa-se uma nova sequência dialogal transicional, cujos participantes são, agora, os quatro soldados. A intervenção dos soldados empreende uma certa dinamicidade e resulta, com as outras sequências narrativas, nas três situações finais anteriormente analisadas.

Constata-se uma terceira sequência dialogal transicional inacabada, representada através da intervenção do mancebo mau, quando questiona à Sua Alteza sobre a cura e o casamento com a princesa. A resposta não lhe é dada em discurso direto, mas é apresentada pelo narrador em forma de narração.

Exibe-se, por último, uma quarta **Sdi**, complementando a segunda. Materializa-se pela boca dos dois soldados que exteriorizaram o segredo acerca do poder das folhas da árvore milagrosa.

Seria, contudo, um exercício muito redutor efetuar a análise das sequências dialogais, separadas das narrativas, pois ambas se complementam. Assim, se consideramos a disposição desses constructos inseridos no conto, teremos o seguinte esquema macroproposicional do todo textual (*vide* Quadro 2):

[Sn1 + Sdi1+ Sn1+ Sdi2+ Sn1+ Sn2+ Sn3+ Sdi3+ Sn3+ Sdi.4+ Sn3].

Quadro 1: Estrutura macroproposicional do conto “Os dois amigos”⁶ segundo as sequências textuais de Adam (2011).

Sequências textuais	Texto	Macroproposições
Sn1	<p>Dois casais de lavradores, muito amigos, tiveram dois filhos nascidos no mesmo dia: uma das crianças era muito boa, a outra tinha um carácter muito mau. No entanto, eram ambos amigos. Entraram no mesmo ano para o serviço militar.</p> <p>O mau, depois de estar na praça seis meses, começou a desinquietar o bom para ambos desertarem. Este quis dissuadir o amigo e afinal acedeu, e ambos desertaram mesmo. Levavam nas marmitas o rancho do dia.</p> <p>Depois de andarem muito tempo perdidos pelos matos, foram descansar sob uma árvore. O mancebo bom tirou da sua marmita o rancho e ambos o comeram a meias. Adormeceram depois, acordando já tarde, e seguiram o seu caminho, fugindo sempre das estradas, com receio de serem presos.</p> <p>No dia seguinte, quase ao sol-posto, foram descansar sob uma árvore. O mancebo mau tirou da sua marmita o rancho e pôs-se a comê-lo sozinho.</p>	Pn1+ Pn2+ Pn3+ ...
Sdi1	<p>- Não me dás do teu rancho?</p> <p>- Não – respondeu o mau.</p> <p>- Mas eu dividi o meu rancho contigo.</p> <p>- E eu dou-te um bocado de pão, se me deixares tirar-te um olho com a ponta da minha navalha.</p>	P+R+A
Sn1	<p>Estranhou o companheiro tal proposta, mas, como tinha muita fome, deixou tirar o outro por idêntico motivo. E o mariola, depois de ver o companheiro cego, desamparou-o.</p> <p>O infeliz ficou por algum tempo junto da árvore; depois, porém, sentido uivar as feras, aproximou-se do tronco e trepou pela árvore a esconder-se por entre as folhas. À meia-noite ouviu o galopar de um cavalo. Era um sujeito que vinha montado e parou sob a árvore. Esperou algum tempo até que chegaram outros indivíduos também montados.</p>	[+ Pn3 continuação] + Pn4 ...

6 Gabriela Rocha et al. (*Língua portuguesa – discursos*, 1999, p. 42-44 – grifos do autor).

Sequências textuais	Texto	Macroproposições
Sdi2	<p>- Demoram-se – disse o primeiro.</p> <p>- É verdade – respondeu um dos que acabava de chegar.</p> <p>- Estive numa cidade e vi que os seus habitantes andam desesperados por falta de água. Temos ali boa colheita.</p> <p>- E todavia passa ao lado da Capela de São Sebastião um rio de água esplêndida – observou o terceiro.</p> <p>- Quanto a mim – disse o quarto –, venho satisfeito, pois o rei de certo país está cego por virtude da lepra que lhe corrói o corpo.</p> <p>- Bem sei – disse o primeiro –, e mal sabe ele que estamos à sombra de uma árvore cujas folhas não só curam todas as doenças, mas têm a virtude de dar olhos a quem os perdeu.</p> <p>- Fazes mal em falar alto! Às vezes, as moitas têm olhos e as pedras têm ouvidos.</p> <p>- Neste deserto não pode estar ninguém – observou o primeiro. E todos se foram embora.</p>	<p>Conjunto de intervenções dos quatro soldados</p> <p>+</p> <p>um par adjacente (do 1º soldado e um dos companheiros)</p>
Sn1	Logo que amanheceu, desceu o infeliz da árvore, colheu umas folhas, picou-as em duas pedras e aplicou o sumo sobre os olhos. Ficou completamente curado.	... +Pn5
Sn2	<p>[Logo que amanheceu, desceu o infeliz da árvore, colheu umas folhas, picou-as em duas pedras e aplicou o sumo sobre os olhos. Ficou completamente curado.] Colheu mais folhas e guardou-as no lenço.</p> <p>Partiu para a terra onde havia falta de água e fez o milagre de lhe dar uma boa nascente. Saiu dali para o país onde reinava o rei leproso e curou-o da doença, restituindo-lhe também a vista.</p> <p>Se no primeiro sítio o compensaram com muito dinheiro, no segundo o rei deu-lhe a filha em casamento.</p>	<p>Pn1 + [Pn2?]</p> <p>+Pn3+ [Pn4?]</p> <p>+ Pn5</p>
Sn3	Andava o genro do rei visitando as suas tropas, quando viu o seu desalmado companheiro alistado em um dos batalhões do reino. Mandou-o ir ao palácio e deu-se a conhecer. Ficou o malvado aflito, mas o príncipe disse-lhe que não lhe tencionava fazer mal algum, apesar da infâmia que ele praticara.	Pn1+ Pn2 + ...
Sdi3	- Mas – disse o mau – como foi que Vossa Alteza readquiriu a vista e foi casar com a princesa?	<p>P</p> <p>(a resposta aparece na narração em baixo)</p>
Sn3	<p>O mancebo contou-lhe toda a verdade, omitindo o incidente relativo ao descobrimento da água.</p> <p>Nessa mesma noite, desertou o soldado e foi logo postar-se sob a árvore milagrosa.</p> <p>Esperou a meia-noite. Eis senão quando houve ele o tropel de cavalos. Eram diversos cavaleiros que vinham muito irritados. Chegaram ao pé da árvore e disse um:</p>	... Pn3+ Pn4 +

Sequências textuais	Texto	Macroproposições
Sdi.4 (contínuação da Sdi.2)	- Quando tu respondeste que por detrás da Capela de São Sebastião corria um rio de água esplêndida e que a lepra do rei se curava com as folhas desta árvore, fiz logo sentir a inconveniência da tua resposta, dizendo-te que muitas vezes as moitas têm olhos e as pedras ouvidos. Infelizmente, alguém te ouviu! - E talvez – respondeu o increpado – que hoje aqui esteja de novo a espiar-nos!	Intervenções
Sn3	Foram acima da árvore e encontraram o soldado. Fizeram-no em posta.	...+ Pn5

Fonte: elaborado pelo autor.

Embora as sequências textuais tenham autonomia própria, a coerência textual resulta da articulação das mesmas. Verifica-se que as dialogais imprimem uma certa dinamicidade à narrativa, e o conteúdo textual gera sentido global graças à combinação das Sn e Sdi. É de notar ainda que a alternância dessas duas sequências mais representativas no texto faz com que usufruamos de um tipo de agenciamento sequencial heterogêneo de acordo com Adam (2011, p. 272).

Considerações finais

Com o desenvolvimento do trabalho, apercebemo-nos de que Adam (2011) dedicou uma atenção especial à temática das sequências textuais em detrimento dos tipos. As razões prendem-se essencialmente com o carácter autónomo e homogêneo desses constructos, o qual nos permite apurar um conjunto de traços formais, estáveis e internos ao próprio texto, alguns mais centrais, outros mais periféricos, relevantes para a sua compreensão.

Os tipos fundamentam-se em critérios de natureza cognitiva, tal como as sequências. Porém, essas últimas apoiam-se, ainda, noutra de carácter enunciativo, classificando-se como monogeradas (descritiva, narrativa, argumentativa e explicativa) e poligerada (dialogal), como defende Adam (2011).

Numa análise textual, estas sequências textuais nunca deverão ser tomadas rigidamente, sob pena de cairmos no erro, pois um mesmo material empírico poderá ter leituras diferentes quanto à delimitação e explicitação das macroproposições desses protótipos, fruto de uma certa flexibilização que encerram.

Outro aspecto tem haver com o tipo de sequências que enforma o material empírico. Nesse sentido, de acordo com a intenção comunicativa, o género discursivo, assim como a competência do locutor, seleccionam-se as que melhor garantem o seu intento comunicativo. Num processo de interação verbal, se quisermos persuadir o nosso alocutário sobre um determinado assunto, é natural que

utilizemos a sequência argumentativa, porém isto não impede que se recorra, no mesmo texto (oral ou escrito), a dialogal ou explicativa, por exemplo. Vale salientar que, na maior parte das vezes, tais sequências combinam-se entre si, formando o todo, que é o texto, ocasionando a heterogeneidade sequencial. O conto “Os dois amigos” é uma prova irrefutável dessa constatação. Nele, observou-se a presença das sequências narrativa, dialogal e, de uma forma muito incompleta, a nível de segmentos infraproposicionais, a descritiva.

Esses constructos, ainda que abstratos, facilitaram a análise do conto. Funcionaram como espécie de uma gramática do texto. Sendo estáveis e calculáveis, permitiram-nos traçar as suas estruturas macroproposicionais e compreender não só as características linguísticas e formais que as enformam, como também o conteúdo textual que se vai tecendo, à medida que se vão articulando, formando uma unidade temática e de sentido.

Verificamos que as sequências aparecem, em alguns casos, incompletas, mas, por inferência, conseguimos recuperar algumas das suas omissas macroproposições, como, de resto, aconteceu com a segunda sequência narrativa do conto. Ficou também claro, através da análise empreendida, que os protótipos narrativos complementaram-se e possibilitaram a obtenção de situações finais distintas, por enformarem três sequências narrativas coordenadas. Do mesmo modo, pudemos reparar que, embora houvesse a coabitação natural das sequências narrativas e dialogais no mesmo material empírico, esse não se tornou incoerente. Isso porque uma delas é predominante, nesse caso a narrativa.

TEXTUAL SEQUENCES AND THEIR MACROPOSITIONAL STRUCTURE FROM PRE-SELECTED CORPORA

Abstract: *With this article, we intend to differentiate, initially, genre from textual types. Then, based on corpora, formed by text excerpts, an empirical analysis of the macropropositional structures of the descriptive, argumentative, explanatory, narrative and dialogical sequences was carried out in the selected and cited empirical materials. Taking, as a starting point, the studies of Adam (2011), we outline the macropropositional structure of the descriptive sequence of the excerpt from the short story “Saga” (1989) which, although incomplete, contains the main macropropositions (from the pre-thematization of the word city, to its listing and expansion), resulting in a hierarchical structure, a characteristic of this sequence (ADAM, 2011). This was followed by the analysis of an excerpt from Saramago’s (1998) argumentative speech, whose macropropositional structure is essentially formed by three macropropositions (P.arg.1+P.arg.2+Parg.3) of the explanatory type (ADAM, 2011). Subsequently, the macropropositional structure of the text “Born to fly” (GOMES, 2008) was analyzed, originating the macropropositional structure (Pe1+Pe2+Pe2+Pe3) of the explanatory sequence, based on the exposition of a theme whose Pe1 was inferred. Finally, the short story “The Two Friends” (MULLER, 1985) was studied, consisting of three narrative sequences [Seq.1+Seq.2+Seq.3...] in which the dialogical sequence is inserted, in the form of question, answer and evaluation, and the descriptive sequence at the level of the infrapropositional segment. With this study, it is concluded, on the one hand, that these sequences, constructs of an autonomous, homogeneous, and abstract nature, allow us to understand the linguistic and semantic structures of the text and, on the other hand, they combine to emerge, however, a to the detriment of*

another. It was revealed that the macropropositional structures of these sequences, which are missing, can be inferred and therefore do not compromise the coherence and understanding of the textual whole.

Keywords: Textual typology; Textual genre; Textual prototype; Textual sequence; Macropropositional structure.

Referências

- ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. Tradução: Maria das Graças Soares Rodrigues *et al.* 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- ANDRESEN, Sophia de Mello. *Histórias da terra e do mar*. Lisboa. 3. ed. Lisboa: Texto Editora Lda., 1989.
- GOMES, Álvaro. *Gramática pedagógica e cultural da língua portuguesa*. Porto Editora; Edições Flumen, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela *et al.* *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- PORTUGAL. *Dicionário terminológico*. [Lisboa]: Ministério da Educação; Direção-geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, 2008. Disponível em: https://area.dge.mec.pt/gramatica/DT_2008.pdf. Acesso: abr. 2018.
- ROCHA, Gabriela *et al.* *Língua Portuguesa 8º ano: discursos*. Constância Editoras. S.A, 1999.
- SARAMAGO, José. *Alguém não anda a cumprir o seu dever*. 1998. Disponível em: <https://www.josesaramago.org/discurso-pronunciado-por-jose-saramago-no-dia-10-de-dezembro-de-1998-no-banquete-premio-nobel>. Acesso em: 31 out. 2022.
- SILVA, Paulo Nunes da. *Tipologias textuais: como classificar textos e sequências*. Livraria Almedina; CELGA, 2012.

Recebido em 27 de outubro de 2023

Aceito em 10 de novembro de 2023